



## NOTICIAS INTERNACIONALES AL 07/06/19

<b>BRASIL</b> .....	<b>2</b>
Mercado frenado por la incertidumbre ocasionada luego del cierre de CHINA .....	2
Cepea: precio medio de la hacienda cayó 3% en mayo .....	2
<b>CONFIRMAN CASO DE EEB ATÍPICO EN EL ESTADO DE MATO GROSSO</b> .....	<b>2</b>
MAPA Información al 03/06/19 .....	3
Reacción de entidades: ABIEC e INDEA.....	3
Suspenden certificación de carnes para CHINA.....	4
MAPA: A la espera de la reacción de las autoridades chinas .....	4
Cierre de China para carne bovina brasileña durará, al menos, un mes .....	5
Importadores de carne vacuna brasileña preocupados por caso atípico de vaca loca.....	5
Preocupación por el impacto en el proceso de aprobación de nuevas plantas .....	6
Fuerte aumento de las exportaciones de carnes bovinas en el mes de mayo .....	6
Puertos brasileños movilizan mayor cantidad de contenedores de carne .....	6
Acrimat pidió que se regule el uso del término “carne” .....	7
<b>URUGUAY</b> .....	<b>8</b>
Precio del Novillo Mercosur quedó en US\$ 2,74 por kilo carcasa .....	8
INAC presentó análisis sobre exportación en pie.....	8
Kazajistán prevé la compra de un millón de animales en pie de Sudamérica .....	8
El valor del cuero descendió un 78,8% en tres años y preocupa a curtiembres .....	9
Foica definió paro nacional de 24 horas en la industria frigorífica .....	9
<b>UNION EUROPEA</b> .....	<b>9</b>
IRLANDA discuten la distribución del fondo para productores por BREXIT .....	9
<b>ESTADOS UNIDOS</b> .....	<b>10</b>
Proyección para la segunda mitad de 2019 .....	10
SIAL China permitió promover las carnes estadounidenses.....	10
<b>CHINA</b> .....	<b>12</b>
Rabobank prevé cambios en el mercado mundial por CHINA.....	12
CANADA anunció que esperan mayores controles de China sobre embarques.....	12
Estiman que se liquidan vientres para compensar la falta de carne porcina .....	13
Fuerte crecimiento de lãs importaciones en abril de 2019.....	13
<b>EMPRESARIAS</b> .....	<b>14</b>
BRF y Marfrig anunciaron que negocian su potencial fusión .....	14
Detalles de una posible fusión .....	14
Dueño de Marfrig sería principal accionistas individual.....	16
BRF confirmó ventas de las divisiones en Europa y Tailandia a Tyson Foods .....	17
URUGUAY: Frigorífico Florida determinó enviar 175 trabajadores a seguro de paro .....	17
Marfrig cierra planta en Paranaíba (MS) .....	18
Beyond Meat: reporte del primer cuatrimestre de 2019 .....	18



## **BRASIL**

### **Mercado frenado por la incertidumbre ocasionada luego del cierre de CHINA**

Sexta-feira, 7 de junho de 2019 - A suspensão da exportação de carne bovina para China continua afetando o mercado interno.

Alguns frigoríficos estavam fora das compras na última quinta-feira (6/6). É praticamente uma semana sem negócios.

Por outro lado, os frigoríficos que estão ativos aproveitam para pressionar negativamente os preços da arroba do boi gordo.

Em São Paulo, estado que aparentemente mais sofreu os impactos da suspensão, existem frigoríficos ofertando até R\$10,00/@ a menos em relação ao que ofertavam na semana passada.

Contudo, nesses patamares não há negócios. Os produtores estão retraídos. Diante desse cenário de incertezas, ter cautela é a estratégia coerente.

E devido a esta resistência dos pecuaristas paulistas, as indústrias estão tentando trazer boiadas de Goiás e Minas Gerais para preencher as escalas, tarefa que não tem sido fácil.

No estado os poucos negócios realizados são a R\$149,50, à vista e livre de Funrural. É o menor preço desde dezembro de 2018 e representa uma queda de 2,6% na comparação semanal.

Essa situação deverá mudar assim que o nível de carne nos frigoríficos diminuir.

### **Cepea: precio medio de la hacienda cayó 3% en mayo**

05/06/2019 Indicador Esalq/B3 registrou valor médio de R\$ 152,75 no mês passado

A compra de lotes menores de animais, em preços mais baixos, somada ao recuo da indústria após aquisições de volumes maiores, exerceu pressão baixista sobre os valores da arroba do boi gordo em maio, segundo informações contidas no relatório mensal do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), divulgado nesta quarta-feira.

Entre 30 de abril e 31 de maio, o Indicador do boi gordo ESALQ/B3 caiu 1,16%, fechando a R\$ 153,15. Quando considerada ao preço médio mensal de maio, de R\$ 152,75, foi quase 3% inferior ao valor médio de abril, mas 2% acima do preço médio de maio de 2018, em termos reais (os valores foram deflacionados pelo IGP-DI).

Traseiro x dianteiro – No acumulado de janeiro a maio de 2019, o traseiro bovino registrou desvalorização de 12% no mercado atacadista da Grande São Paulo, para R\$ 12,25/kg, à vista, em relação ao mesmo período do ano anterior. Por sua vez, na mesma base de comparação, o preço do dianteiro apresentou expressiva alta de 20%, para R\$ 9,17/kg, à vista, de acordo com o Cepea.

“O dianteiro é a carne mais exportada pelo Brasil e, por ser mais barata, é também a mais consumida internamente, sobretudo no primeiro semestre, quando grande parte da população está financeiramente restrita (devido a gastos extras), o que justifica sua valorização neste período do ano”, observa o relatório. Já o traseiro, continua informativo do Cepea, é exportado para nichos de mercado e registra aquecimento na demanda internacional e também na doméstica a partir da segunda metade do ano, especialmente no último bimestre, devido ao maior poder de compra da população, contexto que favorece a alta nos preços desse corte.

“Neste ano, especificamente, o forte desempenho das exportações é que tem resultado em alta mais intensa nos valores do dianteiro, ao passo que o ambiente político-econômico incerto mantém o consumo nacional fragilizado, pressionado as cotações do traseiro.

Exportações – A demanda internacional aquecida, especialmente por parte da China e Hong Kong, e o dólar em alto patamar seguem favorecendo as exportações nacionais de carne bovina in natura. Em maio, foram embarcadas 121 mil toneladas, de acordo com dados da Secex, 10,2% acima do volume de abril e quase 34% a mais que em maio de 2018, informa o Cepea.

### **CONFIRMAN CASO DE EEB ATÍPICO EN EL ESTADO DE MATO GROSSO**

03/06/19 - por Equipe BeefPoint

A Secretaria de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) confirma a ocorrência, no Mato Grosso, de um caso atípico de Encefalopatia Espongiforme Bovina (EEB). Essa doença ocorre de maneira espontânea e esporádica, e não está relacionada à ingestão de alimentos contaminados.

Trata-se de uma vaca de corte, com idade de 17 anos. Todo o material de risco específico para EEB foi removido do animal durante o abate de emergência e incinerado no próprio matadouro. Outros produtos derivados do animal foram identificados, localizados e apreendidos preventivamente, não havendo ingresso de nenhum produto na cadeia alimentar humana ou de ruminantes. Não há, portanto, risco para a população.



Cabe ressaltar que o Mapa e o Instituto de Defesa Agropecuária de Mato Grosso (INDEA/MT) iniciaram imediatamente as investigações de campo, com interdição da propriedade de origem. Todas as ações sanitárias de mitigação de risco foram concluídas antes mesmo da emissão do resultado final por laboratório de referência da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE). Após a confirmação, nesta sexta-feira (31), o Brasil notificou oficialmente à OIE e os países importadores, conforme preveem as normas internacionais.

Segundo as normas da OIE, não haverá alteração da classificação de risco do Brasil para a doença, que continuará como país de risco insignificante, a melhor possível para a EEB. Em mais de 20 anos de vigilância para a doença, o Brasil registrou somente três casos de EEB atípica e nenhum caso de EEB clássica.

### **MAPA Información al 03/06/19**

Nota Oficial Publicado: 03/06/2019 17h41

1 - Examinada a notificação da ocorrência pela Organização Internacional de Saúde Animal (OIE), este órgão determinou hoje (3) o encerramento do caso sem alteração do status sanitário brasileiro, que segue como risco insignificante para a doença.

2 - A OIE informou ainda que não haverá relatórios suplementares sobre o caso.

3 - No caso da China, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Brasil suspendeu temporariamente a emissão de certificados sanitários até que a autoridade chinesa conclua sua avaliação das informações já transmitidas sobre o episódio, cumprindo-se, assim, o disposto no protocolo bilateral assinado em 2015.

### **Reacción de entidades: ABIEC e INDEA**

Em relação a identificação de um caso de Encefalopatia Espongiforme Bovina (EEB) no estado do Mato Grosso, a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC) esclarece que, está acompanhando e confia em todo processo conduzido pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), por meio do Programa Nacional de Prevenção e Vigilância da Encefalopatia Espongiforme Bovina (PNEEB), cujo os resultados mostram tratar-se de um caso isolado de ocorrência atípica da doença em um bovino abatido em idade avançada, com cerca de 17 anos de idade.

A Abiec esclarece ainda que o caso não representa risco para a cadeia de alimentação humana ou animal, conforme descrito na nota oficial divulgada pelo MAPA.

A Abiec reafirma que confia nos controles sanitários brasileiros e a identificação do caso demonstra a segurança e eficiência desses sistemas.

\*Ocorrência de caso atípico de Encefalopatia Espongiforme Bovina no Mato Grosso\*

A Secretaria de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) confirma a ocorrência, no Mato Grosso, de um caso atípico de Encefalopatia Espongiforme Bovina (EEB). Essa doença ocorre de maneira espontânea e esporádica, e não está relacionada à ingestão de alimentos contaminados.

Trata-se de uma vaca de corte, com idade de 17 anos. Todo o material de risco específico para EEB foi removido do animal durante o abate de emergência e incinerado no próprio matadouro. Outros produtos derivados do animal foram identificados, localizados e apreendidos preventivamente, não havendo ingresso de nenhum produto na cadeia alimentar humana ou de ruminantes. Não há, portanto, risco para a população.

Cabe ressaltar que o Mapa e o Instituto de Defesa Agropecuária de Mato Grosso (INDEA/MT) iniciaram imediatamente as investigações de campo, com interdição da propriedade de origem. Todas as ações sanitárias de mitigação de risco foram concluídas antes mesmo da emissão do resultado final por laboratório de referência da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE). Após a confirmação, nesta sexta-feira (31), o Brasil notificou oficialmente à OIE e os países importadores, conforme preveem as normas internacionais.

Segundo as normas da OIE, não haverá alteração da classificação de risco do Brasil para a doença, que continuará como país de risco insignificante, a melhor possível para a EEB. Em mais de 20 anos de vigilância para a doença, o Brasil registrou somente três casos de EEB atípica e nenhum caso de EEB clássica.

PORTAL DBO 31/05/2019

Segundo o instituto, um teste de triagem gerou resultado suspeito para doença após animal apresentar sintomas

O Instituto de Defesa Agropecuária do Mato Grosso (Indea) divulgou nota nesta sexta-feira na qual descarta "qualquer possibilidade" de ameaça à qualidade da carne produzida no Estado ou aos



consumidores após a suspeita de um caso atípico de encefalopatia espongiforme bovina (EEB), conhecido como mal da vaca louca, em um frigorífico local.

“O trabalho realizado pelo Serviço Veterinário Oficial e o comprometimento dos produtores rurais garante que não há qualquer possibilidade dessa ocorrência representar ameaça à qualidade da carne produzida em Mato Grosso, nem risco aos consumidores”, afirma o instituto em nota.

Ainda segundo o Indea, a suspeita ocorreu após inspeções de rotina, quando um teste de triagem gerou resultado suspeito para doença. “O Indea tomou todas as providências cabíveis enquanto aguarda o resultado final em laboratório de referência”, explica a instituição.

A suspeita foi descoberta depois que um animal chegou prostrado ao frigorífico após a viagem rodoviária desde a fazenda de engorda até o destino final. Segundo apurou o Portal DBO, é comum que animais de idade avançada, como o do caso em questão, apresentem mal estar após longas viagens.

O Indea aguarda o resultado final dos testes laboratoriais para emitir uma nota técnica em conjunto com o Ministério da Agricultura. Confira a íntegra do comunicado divulgado hoje pela instituição:

#### NOTA DE ESCLARECIMENTO

Em relação à suspeita de encefalopatia espongiforme bovina (EEB), doença conhecida como “vaca louca”, em um bovino no Estado, o Instituto de Defesa Agropecuária de Mato Grosso esclarece que:

Em uma análise de rotina que faz parte do sistema de vigilância nacional para EEB foi detectado, em teste de triagem um resultado suspeito para a doença. O INDEA/MT tomou todas as providências cabíveis enquanto aguarda o resultado final em laboratório de referência.

Ressaltamos que são realizadas ações rigorosas de fiscalização em estabelecimentos de criação de gado no estado, além de rotineiros testes nos alimentos fornecidos aos ruminantes, de modo a prevenir a ocorrência da doença. O produtor rural mato-grossense conhece as normas brasileiras e está comprometido com os métodos de prevenção em vigor.

O trabalho realizado pelo Serviço Veterinário Oficial e o comprometimento dos produtores rurais garante que não há qualquer possibilidade dessa ocorrência representar ameaça à qualidade da carne produzida em Mato Grosso, nem risco aos consumidores.

#### ***Suspenden certificación de carnes para CHINA***

PORTAL DBO 03/06/2019 Suspensão ocorre após confirmação de caso atípico de vaca louca no Mato Grosso

Após a confirmação de um caso atípico de encefalopatia espongiforme bovina (vaca louca) em Mato Grosso, a China decidiu suspender as importações de carne bovina brasileira. Segundo ofício circular do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), todos os carregamentos de carne bovina expedidos após o dia 31 de maio deverão retornar ao Brasil.

A China é hoje o maior comprador de carne bovina do Brasil. De acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), o país adquiriu 322,4 mil toneladas de carne bovina brasileira em 2018, crescimento de 52,5% ante 2017. Só nos primeiros quatro meses de 2019, o volume exportado para o mercado chinês soma 95,7 mil toneladas ante 84,3 mil toneladas em igual período do ano passado.

A suspensão das exportações ocorre num momento em que a indústria tem apostado no aumento da demanda chinesa após os prejuízos sofridos com a peste suína africana na Ásia. Segundo relatório divulgado hoje pelo Rabobank, as importações de carne da China cresceram 47% no primeiro trimestre deste ano.

#### ***MAPA: A la espera de la reacción de las autoridades chinas***

Fonte: Mapa. 05/06/19 - por Equipe BeefPoint

A ministra Tereza Cristina (Agricultura, Pecuária e Abastecimento) disse hoje (4) que espera que nos próximos dias a China avalie a documentação enviada pelo Brasil sobre as exportações de carne para o país asiático. Segundo a ministra, a detecção da ocorrência mostra a eficiência do serviço de inspeção brasileiro.

“Isso é uma coisa comum e mostra que o serviço de inspeção brasileiro está funcionando. No ano passado, mais de 20 países tiveram uma ocorrência como essa, atípica, não é contagiosa, não tem perigo para ninguém, é uma coisa normal. Isso mostra transparência e governança do serviço de inspeção”, disse.

Ontem (3), o Ministério da Agricultura suspendeu temporariamente a emissão de certificados sanitários para a China até que a autoridade chinesa conclua sua avaliação das informações já transmitidas sobre um caso atípico de Encefalopatia Espongiforme Bovina (EEB) detectado em Mato Grosso.

A ministra também lembrou que a OIE abriu o processo na última sexta-feira (31) e já encerrou na segunda-feira (3), sem pedidos complementares, o que mostra que não há risco sanitário e que as exportações de carne bovina podem continuar normalmente para os demais países.



“Enfim, é uma coisa absolutamente normal, estamos esperando a China nos próximos dias nos pedir para tirar a suspensão. Foi uma suspensão feita pelo Brasil”, destacou, lembrando que o Ministério da Agricultura foi elogiado pela rapidez com que entregou todas as informações pertinentes.

Tereza Cristina avalia que o fato não prejudica o comércio com o país asiático, e lembra que o a China é o único país que exige suspensão temporária quando detectado caso atípico de EEB. “Por isso vamos conversar no futuro sobre um novo protocolo”.

#### Caso

Na última sexta-feira, a Secretaria de Defesa confirmou a ocorrência, no Mato Grosso, de um caso atípico de Encefalopatia Espongiforme Bovina (EEB). Essa doença ocorre de maneira espontânea e esporádica, e não está relacionada à ingestão de alimentos contaminados.

A doença foi constatada em uma vaca de corte, com idade de 17 anos. Todo o material de risco específico para EEB foi removido do animal durante o abate de emergência e incinerado no próprio matadouro. Outros produtos derivados do animal foram identificados, localizados e apreendidos preventivamente, não havendo ingresso de nenhum produto na cadeia alimentar humana ou de ruminantes. Não há, portanto, risco para a população.

Após a confirmação, o Brasil notificou oficialmente à OIE e os países importadores, conforme preveem as normas internacionais. Ontem (3), a OIE determinou o encerramento do caso sem alteração do status sanitário brasileiro, que segue como risco insignificante para a doença.

#### ***Cierre de China para carne bovina brasileña durará, al menos, un mes***

05/06/2019 - Industria afirma que se retrasa habilitación de otros 30 frigoríficos.

La suspensión preventiva de las exportaciones de carne bovina brasileña a China, tras el caso de encefalopatía espongiforme bovina o “vaca loca”, deberá durar por lo menos un mes, según confirmó una fuente oficial a Abrafrigo. La noticia fue divulgado en el informe semanal de la Asociación Brasileña de Frigoríficos.

La ministra de Agricultura, Pecuaria y Abastecimiento, Tereza Cristina, afirmó que espera que el embargo sea retirado en una semana. Con esa convicción aclaró que el servicio sanitario chino, que ya está analizando la información presentado por Brasil, no fijó el plazo para concluir el análisis.

El embargo temporario de la exportación de carne bovina a China, como medida de transparencia y donde Brasil se está jugando la habilitación de nuevas plantas frigoríficas, da cumplimiento a una cláusula firmada en el acuerdo sanitario entre ambos países.

China y Hong Kong absorben el 40% de las exportaciones de carne bovina brasileña, que en mayo superó los US\$ 400 millones en total. Ayer por la mañana, al salir de una reunión del Consejo Nacional de Política Energética, la ministra recordó que “la suspensión es temporaria y absolutamente normal”. La jerarca del Ejecutivo brasileño, recordó que la Organización Mundial de Sanidad Animal ya recibió la notificación del MAPA y mantuvo el status sanitario de riesgo insignificante para Brasil.

Fuentes de la industria brasileña reconocieron que el episodio de “vaca loca” ya resuelto, retrasará la habilitación de más de 30 frigoríficos de todas las carnes.

Según la evaluación de Péricles Salazar, presidente ejecutivo de la Asociación Brasileña de Frigoríficos no hay duda que se afectará la habilitación de nuevos frigoríficos, “hasta porque ya fueron enviados los cuestionarios para China”, pero afirmó que el atraso “será superado”.

El 23 de mayo la ministra adelantó que el MAPA había enviado una lista con 30 frigoríficos dedicados a exportar, cerdo, pollo y bovinos para ser habilitados por los servicios sanitarios de China.

Salazar, que estuvo presente en Brasilia en una reunión convocada por el MAPA, también con presencia de la Asociación Brasileña de las Industrias Exportadoras de Carne (Abiec), dijo que los chinos ya estaban pensando en suspender las importaciones de carne bovina brasileña porque se había detectado el caso de “vaca loca”.

Tereza Cristina afirmó que la secretaría que dirige encontró la forma correcta de interrumpir la emisión de certificados de exportación y que la repercusión del caso generó una tormenta en un vaso de agua.

El problema fue “atípico” (no pertenece a un animal alimentado con proteínas animales), era una vaca de 17 años de Mato Grosso . Por eso China, en base a las informaciones enviadas por el servicio sanitario de Brasil, deberá levantar la restricción en breve”, dijo esperanzada la titular del MAPA y más cuando la OIE mantuvo status.

#### ***Importadores de carne vacuna brasileña preocupados por caso atípico de vaca loca***

03/06/2019 Empresarios consultarán a las autoridades nacionales qué posición tomará el país. Brasil decidió cerrar exportaciones de carne vacuna a China.

Las empresas importadoras de carne vacuna brasileña consultarán a las autoridades sanitarias de Uruguay qué postura tomará el país ante el caso de vaca loca atípica en Mato Grosso, según informaron a Rurales El País.





En las últimas horas las autoridades sanitarias de Brasil confirmaron a la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE) los resultados del análisis realizado que comprueban el caso en un animal de la raza Nelore de 17 años de edad.

Como respuesta, el Ministerio de Agricultura de Brasil determinó suspender las exportaciones de carne vacuna a China, de acuerdo a lo dispuesto en el protocolo sanitario; y así anticiparse a ciertas sanciones que está evaluando el grande asiático.

En Uruguay la situación genera incertidumbre, más teniendo en cuenta que en los últimos años ha crecido el aumento de las importaciones de carne vacuna brasileña, y varios operadores del mercado pretenden una respuesta de las autoridades nacionales.

### **Preocupación por el impacto en el proceso de aprobación de nuevas plantas**

05/06/19 - por Equipe BeefPoint O caso atípico de vaca louca registrado em Mato Grosso, que fez com que o Ministério da Agricultura suspendesse as exportações de carne bovina para a China, causará um “ligeiro atraso” nas habilitações de plantas brasileiras para o gigante asiático.

A avaliação é de Péricles Salazar, presidente executivo da Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo). “Isso afeta um pouco (as habilitações), até porque já foram enviados os questionários para a China. Evidentemente que esse caso vai causar um ligeiro atraso, mas acredito que, tão logo ele seja superado, nós também conseguiremos habilitar novas plantas”, disse ele.

No último dia 23, a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, afirmou que o Ministério havia enviado uma lista com 30 frigoríficos – de frangos, suínos, bovinos e uma de asininos – à China para habilitação. Desses 30, seis já estão aprovados, mas ainda não habilitados. Na ocasião, ela afirmou esperar que a habilitação fosse obtida em 30 dias.

Salazar, que esteve presente na segunda-feira em reunião em Brasília convocada pela ministra – também com a presença da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec) -, disse que os chineses já estavam pensando em suspender as importações da carne bovina brasileira por causa do registro da doença.

Ele afirmou que acredita que o Ministério agiu da forma correta ao interromper a emissão de certificações sanitárias, e que a repercussão do caso é “tempestade em copo d’água”. “O problema foi atípico, sem consequência, aconteceu numa vaca de 17 anos. E a China, com base nas informações que o Brasil mandou, deve levantar o embargo em breve”, opinou.

### **Fuerte aumento de las exportaciones de carnes bovinas en el mes de mayo**

07/06/2019 Embarques cresceram 35% no mês passado, para 150,2 mil toneladas, aponta Abrafrigo

As exportações totais de carne bovina em maio cresceram 35% em maio, para 150.216 toneladas, ante o volume de 111.502 toneladas registrado em igual período de 2018, informou nesta sexta-feira a Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo). Em volume, foi o melhor resultado mensal registrado neste ano, destaca a associação, que compilou os dados fornecidos pelo Secretaria de Comércio Exterior (Secex).

Em receita, os embarques atingiram US\$ 573,7 milhões em maio, aumento de 24% sobre o valor computado em igual mês de 2018, de US\$ 462,9 milhões.

No acumulado do ano, as exportações de carne bovina atingiram 694.314 toneladas, ante 590.013 toneladas movimentadas no mesmo período de 2018 – um acréscimo de 18%. Nessa mesma base de comparação, a receita subiu de US\$ 2,39 bilhões em 2018 para US\$ 2,59 bilhões, um avanço de 8%.

Segundo a Abrafrigo, o embarque pelo Porto de Santos (SP) representou 63,5% da exportação brasileira de carne bovina maio, ante 55% no mesmo período de 2018. Os outros portos de embarques da carne bovina foram: Paranaguá-PR (participação de 11,4%); São Francisco do Sul-SC (8,1%); Itajaí-SC (4,2%) e Rio Grande-RS (3%).

Clientes

No acumulado do ano, a China comprou 271,6 mil toneladas de carne bovina brasileira, ou 39,2% do total embarcado. O segundo maior comprador foi o Egito, com 60,7 mil toneladas, seguido de Irã (41,7 mil toneladas), Emirados Árabes (40,7 mil toneladas), Chile (40,3 mil toneladas) e Rússia (25 mil toneladas). No total, informa a associação, 95 países aumentaram suas importações da carne bovina brasileira e outros 53, reduziram.

### **Puertos brasileños movilizan mayor cantidad de contenedores de carne**

PORTAL DBO 06/06/2019 Produto foi o único entre os de contêiner refrigerado a ter crescimento na movimentação no 1º tri, aponta Maesk

Em seu relatório trimestral de movimentação de contêineres, a Maersk – líder global em transporte de contêineres–, aponta que o volume de cargas contendo carne bovina no Brasil foi o único entre os demais



produtos refrigerados a apresentar crescimento nos três primeiros meses deste ano ante igual período de 2018.

De acordo com a empresa, foram contabilizados a movimentação de 13.576 contêineres-exportação (equivalentes a quarenta pés – FFEs) de carne bovina brasileira no período, um acréscimo de 9% sobre a quantidade registrada em igual intervalo de 2018 (12.441 contêineres). Os dados representam o total de importações e exportações para a indústria de linhas de navegação no Brasil.

As demais carnes – de frango e suína – tiveram desempenho negativo nos três primeiros meses do ano, em relação ao mesmo período do ano passado. As remessas contendo carne de frango caíram 13%, para 33.311, contêineres ante 38,293 contêineres verificados no primeiro trimestre do ano passado. A movimentação de carne suína recuou 1% na mesma base de comparação, para 3.920 contêineres, segundo a Maersk.

Quadro pessimista

De maneira geral, considerando todos os produtos de importação e exportação, os executivos da Maersk apresentaram um quadro pessimista para as relações comerciais internacionais do Brasil, reforçado, segundo a companhia, pelos dados de movimentações de mercadorias.

Entre os números apurados pela Maersk, um deles chamou bastante atenção dos responsáveis pelo relatório: o declínio de 10% nas importações de produtos químicos, que, de acordo com a empresa, são principalmente compostos por fertilizantes.

“Os agricultores decidiram abrir mão de pedidos de 100 mil toneladas de fertilizantes no primeiro trimestre, representando quase 4 mil contêineres (equivalentes a quarenta pés – FFEs)”, informa o diretor comercial da Maersk para a Costa Leste da América do Sul, Gustavo Paschoa, lembrando que o adubo também é utilizado na pecuária, para melhoria das pastagens.

No primeiro trimestre deste ano, foram importados pelo Brasil o equivalente a 34.653 contêineres de produtos químicos, ante 38.616 contêineres registrados em igual período de 2018. “Estamos revisando nossas expectativas a respeito de como o setor agrícola irá atuar neste ano. É difícil ver um crescimento expressivo ou resultados de colheitas abundantes nessas condições”, afirmou, no relatório, Matias Concha, gerente de produto da Maersk para a Costa Leste da América do Sul. “Está claro para nós que os produtores agrícolas estão apertando os cintos e vão segurar os gastos este ano, o que não é bom para a indústria”, acrescentou.

Na avaliação do diretor da Maersk no Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, Antônio Dominguez, a queda nos fertilizantes significa que haverá “menos exportações e menos empregos e, por sua vez, isso enfraquecerá ainda mais o consumo”. “A questão é quanto tempo durará o mau desempenho do consumo, já que as empresas que deveriam ter começado a contratar agora estão, pelo contrário, reduzindo os gastos, dispensando funcionários com cargos mais altos e caros”, disse ele, no relatório.

Ao Portal DBO, Antônio Dominguez afirmou ser necessário, “independentemente da posição política, a rápida aprovação da Reforma Previdenciária”. O diretor enfatizou, no relatório, que as indefinições sobre essa questão (Reforma Previdenciária) deixa o País em espera. “Empresas adiam seus investimentos por ainda não terem certeza se o novo governo no Brasil conseguirá apoio o suficiente para seu programa de reformas; as esperanças de uma onda de contratações no segundo trimestre e o início de uma recuperação econômica modesta agora estão frustradas”, afirmou.

### **Acrimat pediu que se regule el uso del término “carne”**

PORTAL DBO 06/06/2019 Associação entregou documento com pedido oficial de apoio do presidente da República ao projeto de lei

A Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acrimat) entregou, ontem, 5 de junho, um pedido oficial de apoio do presidente da República, Jair Bolsonaro, ao projeto de Lei nº 2876/2019, que prevê a a regulamentação do uso comercial da palavra “carne”.

Segundo o texto, o uso do termo e seus derivados (“bife”, “hambúrguer”, “filé” e “bacon”) fica restrito a produtos comestíveis de espécies de açougue (bovinos, suínos e aves). Em nota, a Acrimat defende que carnes a base de proteína vegetal “são produzidos a partir de extratos, polpas de frutas, etc., cujo valor nutricional difere em muito das carnes de origem animal”.

O projeto em tramitação na Câmara dos Deputados é de autoria do deputado federal Nelson Barbudo, do PSL, mesmo partido do presidente. “Entendemos que a sociedade não pode ser enganada em seu direito de consumir proteínas para a sua subsistência”, afirma a representante regional da Associação, Maria Ester Tiziani Fava.

As propostas de proibição do uso do termo carne para designar produtos à base de proteína vegetal têm avançado em outros países. Recentemente, um projeto de lei aprovado pela legislatura de Oklahoma define a “carne” como uma “porção comestível de gado, aves domésticas ou carcaça de cervídeos em cativeiro ou parte deles”



## URUGUAY

### **Precio del Novillo Mercosur quedó en US\$ 2,74 por kilo carcasa**

06/06/2019 - Registró una suba de 6 centavos.

El novillo Mercosur subió 6 centavos de dólar esta semana, posicionándose en US\$ 2,74 por kilo carcasa. El índice calculado por Faxcarne, es el más alto desde mediados de marzo.

El impulso se lo dio fundamentalmente la cotización de la moneda brasileña (el real) que subió 3,5% en la semana.

El valor promedio del novillo gordo en las principales regiones exportadoras bajó , pero al pasarlo a dólares aumentó 9 centavos.

A su vez, en Uruguay se mantiene el mercado absolutamente recalentado con referencias que se ubican más de US\$ 1 por kilo carcasa por encima de las del resto de la región. El novillo especial subió US\$ 12 centavos y llegó a US\$ 3,85.

En Argentina y Paraguay las referencias se mantuvieron incambiadas a US\$ 2,66 y US\$ 2,75 el kilo carcasa, respectivamente.

### **INAC presentó análisis sobre exportación en pie**

04/06/2019 - Ayer fue a los delegados de los productores ganaderos y mañana jueves es el turno de los representantes de la industria frigorífica.

El Instituto Nacional de Carnes (INAC) presentó ayer martes a las gremiales de productores “muchísima información sobre el comercio internacional de animales en pie”, incluyéndose información detallada “que hace a la interna de Uruguay”, la incidencia de esta herramienta en el stock y en el complejo cárnico. Gabriel Capurro, presidente de la Asociación Rural del Uruguay, uno de los directivos que participó en el Seminario Taller sobre exportación de ganado en pie, dijo a El País que ahora “hay que estudiar en la interna de las gremiales esa información”, pero dejó en claro que la meta del taller fue “informar, no tomar posiciones ni resoluciones sobre el tema”.

Según explicó, la meta era que “todos los actores del complejo cárnico tengan la misma información” y sepan “cuál fue la evolución en los últimos años y cómo puede ser hacia el futuro”. En el encuentro también se hizo una puesta a punto sobre el sistema de tipificación electrónica de carcasas.

Mañana jueves, a la hora 8,30 en el Hotel Cottage, es el turno de las gremiales de la industria frigorífica (Asociación de la Industria Frigorífica del Uruguay, Cámara de la Industria Frigorífica y Asociación de Plantas Frigoríficas del Mercado Interno) que recibirán la misma información que se les dio ayer a las gremiales de productores.

El año pasado cerró con un récord histórico en la exportación de ganado en pie, cuando se llegaron a exportar 405.603 bovinos, básicamente terneros enteros, donde más de 360.000 cabezas tuvieron por destino a Turquía y más de 45.000 a Egipto, Irak, China y algunos países de Sudamérica.

En enero de 2017 la Asociación de la Industria Frigorífica del Uruguay y la Cámara de la Industria Frigorífica presentaron un informe, elaborado por la consultora CPA/Ferrere donde se decía que del total de cabezas exportadas (1,5 millones) desde el 2008 hasta el 2016 habría generado pérdidas netas de valor agregado en la cadena cárnica uruguaya por US\$ 480 millones, implicando que por cada cabeza de ganado exportada, la cadena productiva dejaba de generar valor agregado local por US\$ 319. Posteriormente, la consultora APEO realizó —a pedido de la Asociación Rural del Uruguay (ARU)— un informe que complementa el estudio de CPA Ferrere sobre el impacto de la exportación de animales en pie en Uruguay.

El analista explicó que la venta de terneros en pie abrió las puertas a la producción de vacas de cría (US\$ 56 millones) y ese incremento genera una “superioridad” a la pérdida neta de valor agregado (US\$ 53 millones) por exportar en pie. Buffa confirmó que se necesita un aumento de 4% del stock de estas categorías y en Uruguay creció un 7% desde el 2013 a la fecha de presentación del informe. Posteriormente, en agosto de 2018, el Instituto Nacional de Carnes entregó a cada uno de los integrantes de la Junta Directiva un “resumen conceptual” de los informes presentados por las distintas gremiales sobre el tema para analizar y fijar postura. Con esos insumos, los técnicos del organismo elaboraron el informe que se está presentando a los distintos eslabones de la cadena cárnica. Desde el Ejecutivo, donde se fija la política de exportación de ganado en pie, se dejó en claro más de una vez que esta herramienta se mantendrá en pie, brindando tranquilidad a los productores, especialmente a los del segmento de la cría que son los que producen los terneros en sus predios.

### **Kazajistán prevé la compra de un millón de animales en pie de Sudamérica**

04/06/2019 - Uruguay fue habilitado en marzo de este año.

La República de Kazajistán prevé la importación de un millón de animales en pie desde Sudamérica en un periodo de 5 años con fines reproductivos, genéticos y de faena, publicó 5 Días de Paraguay, quien además confirmó que su país alcanzó la habilitación para iniciar los envíos.





A mediados de marzo de 2019 Uruguay fue habilitado para exportar vacunos vivos a Kazajistán. Y en el marco del Secretariado Mundial Angus una delegación de 17 representantes del país asiático visitó el evento y manejó el interés de comprar en Uruguay cerca de 100.000 animales.

Kazajistán cuenta con una zona libre de aftosa con vacunación y otra sin inmunización. La hacienda uruguaya y del resto de los países de Sudamérica solo podrá ingresar a la primera región.

### **El valor del cuero descendió un 78,8% en tres años y preocupa a curtiembres**

05/06/2019 - El Gerente Comercial de Zenda JBS aseguró que "la transformación del cuero en Uruguay es más cara que en Italia".

El precio de los cueros en el mercado mundial ha tendido a la baja en los últimos años debido a una sobreoferta, lo que genera preocupación en las curtiembres. "Hay una oferta superior a la demanda y el cuero está sobrando en el mundo", aseguró a Rurales El País Álvaro Castagna, gerente comercial de Zenda JBS.

De acuerdo a la información que difunde el Instituto Nacional de Carnes (INAC), en mayo de 2016 el cuero cotizaba US\$ 0,87, en el mismo mes de 2017 a US\$ 0,71, en 2018 a US\$ 0,50 y en mayo de 2019 el valor descendió a US\$ 0,19.

Álvaro Castagna entiende que a medida que el valor de la materia prima baja, el Uruguay "queda más expuesto al alto costo que significa la transformación del cuero y compromete el agregado de valor". Y agregó: "Es una evolución del mercado y cada vez hay menos incentivos para agregar valor en el país, el cuero tiene que salir en etapas primarias".

Contó que la empresa hace 8 años, aproximadamente, tenía mayor dedicación a la venta de cuero automotriz. "Además de curtir, lo terminábamos y cortábamos para las empresas que hacían el trabajo final de las fundas de los autos de alta gama. Ese negocio se mantiene pero la presión de precios es otro y los niveles de acuerdos también".

La empresa JBS cuenta con varias unidades en el exterior que demuestran con mayor énfasis en costo de transformación en Uruguay. "Estamos más caros que una transformación que se realiza en Italia. Eso nos está preocupando mucho", destacó.

La empresa tiene una capacidad de producción de 60.000 cueros mensuales, un 25 a 30% de la disponibilidad de cueros generados por las industrias frigoríficas del país. "En la medida que la materia prima vale menos, la falta de competitividad nos deja expuestos y nos debilita", remarcó.

### **Foica definió paro nacional de 24 horas en la industria frigorífica**

06/06/2019 - Será el 25 de junio en apoyo a los trabajadores del gas.

La Federación de Obreros de la Industria de la Carne y Afines definió para el próximo martes 25 de junio un paro nacional de 24 horas en las plantas frigoríficas.

De acuerdo la información emitida por el gremio en sus redes sociales, el paro es en apoyo a los "compañeros del gas", la "negociación colectiva" y "en contra del arrepentimiento hacia los trabajadores por parte de las patronales".

## **UNION EUROPEA**

### **IRLANDA discuten la distribución del fondo para productores por BREXIT**

06 June 2019 - At IFA's first regional information meeting in Claremorris for livestock farmers on the €100m beef fund, there was backing for the six key principles that the IFA Livestock Committee and National Council set out for the distribution of the fund.

Over 350 farmers attended last night's meeting and there was very strong support from the floor for some of the fund to go to suckler farmers.

IFA President Joe Healy said, "During a robust debate, it was clear that finishers of prime cattle and sucklers should be the priority.

"We understand that the EU Commission will circulate a draft regulation to Member States on Thursday. This will outline parameters around the distribution of the funds."

He said the clear message from Claremorris was that the €100m Brexit beef package has to be targeted to the farmers who need it most. It must take account of the farmers who incurred the beef price losses and the income situation.

The six principles are as follows:

For beef farmers and must be paid to beef farmers. Not for factories, factory feedlots or factory-owned cattle, agents or dealers.

Targeted to the farmers who incurred the losses and the sectors who need it most in terms of income.

Farmers who sold prime finished cattle – steers, heifers, young bulls since last Autumn, and suckler farmers.

Paid out quickly and directly to farmers.



Finished cattle sold in the marts must be included.

DAFM has all the data on the AIMS system to enable accurate targeting of the funds.

IFA National Livestock Chairman Angus Woods said the farmers who sold prime finished cattle since last September and suckler producers are the two groups which were hit the hardest.

The next meeting took place in Kilkenny last night (Wednesday, 5 June).

## **ESTADOS UNIDOS**

### **Proyección para la segunda mitad de 2019**

Livestock Marketing Information Center May 31, 2019 12:32 PM Wyatt Bechtel ( Cattle feeding margins slipped below breakeven as cash prices decline \$1 per cwt. last week. )

U.S. cattle slaughter for the first quarter of 2019 was slightly above a year ago (up 0.7%, while tonnage produced was 0.8% below 2018's. The year-over-year increase was due to larger heifer and cow (beef and dairy) harvests. Production declined because of lower dressed weights for steers, heifers, and cows. For the second quarter, Livestock Marketing Information Center (LMIC) projects more production than a year ago (rising 1.8%).

So far this year weekly cattle prices have bounced from above to below a year ago (the average was lower), except for cull cows which have been consistently weaker. The first quarter posted lower prices compared to 2018's. In that quarter, the fed steer price (5-market reported by USDA's Agricultural Marketing Service) only slipped slightly (-0.1%). In the Southern Plains, compared to a year earlier 700-to 800-pound steers were down by \$5.76 per cwt. (slipping by 3.9%), and 500-to 600-pound steers were \$171.41 a decline of \$8.60 per cwt. (down 4.8%). In the second quarter, the projections are for prices to average slightly above 2018's – fed animals up about 2% compared to 2018's, and both 700-to 800-pound and 500-to-600-pound steers 1% higher.

In the third quarter of 2019, LMIC forecasts U.S beef production at 3.5% to 4.0% above '18 (note: there is one more slaughter day in 2019 versus 2018). Domestic beef demand is expected to remain rather strong and exports may climb above 2018's, in contrast to the decline posted for the first three months of this year. LMIC forecasts that in the third quarter (July-September) fed steer prices will average \$112 to \$115 per cwt. (up just over 3% year-over-year). Feeder steers (700-to 800-pound) are expected to be 3% to 4% below 2018's \$155.99 per cwt., and 500-to 600-pound steers unchanged to 1% higher.

The fourth quarter forecast is a 1% year-over-year gain in U.S. beef output and bigger exports. Compared to 2018's, fed cattle prices may be higher (up 1% to 3%), 700-to 800-pound steers flat, and calves unchanged to 4% stronger.

### **SIAL China permitió promover las carnes estadounidenses**

TheCattleSite News Desk 04 June 2019 CHINA - Continuing its work to promote the quality and availability of US beef and pork to China's retail, foodservice and Hotel, Restaurant and Institutional (HRI) sector, USMEF had a huge presence at this year's SIAL China in Shanghai, one of the largest food shows in the world.

With funding from the Beef Checkoff Program and the National Pork Board, USMEF conducted cutting and cooking demonstrations, tasting sessions, a chef competition and face-to-face meetings between member companies and Chinese importers and distributors. USMEF is a subcontractor of the Beef Checkoff and a contractor to the Pork Checkoff.

As a bonus promotional opportunity, the fifth annual US Meat Traders Club Reception was held in conjunction with the show. A short video from that event can be seen [here](#).

"SIAL China sets the benchmark for overseas companies stepping into Asia and China to gain valuable market insights and information on trends and innovations in the food industry," said Ming Liang, USMEF marketing director in China.

"The show attracts the region's major food professionals under one roof, giving our members great opportunities to network and providing us the chance to share information about US beef and pork with thousands of visitors who came by the USMEF booth each day."

The 2019 edition of SIAL China featured 4,300 exhibitors from around the world and attracted more than 112,000 attendees.

On the first day of the show, US Ambassador to China Terry Branstad, USDA Agricultural Counselor Bobby Richey and Ryan Scott, director of the Agricultural Trade Office (ATO) in Shanghai, visited the USMEF booth to talk with staff and greet SIAL attendees. They also had a special meeting with representatives from eight USMEF members participating in the show.

"Ambassador Branstad was happy to see members' passion about the US red meat industry and US agriculture as a whole, given the challenging trade circumstances," said Liang. "To show his support, he also took part in the tasting demonstrations for high-quality US beef and pork cooked at the USMEF booth."



After a cutting demonstration that highlighted several US beef and pork cuts well-suited for the Chinese market, the cuts were prepared, cooked and then offered at a special tasting area to give potential customers a firsthand experience. Processed meats were part of the mix for the tasting sessions, giving retailers a look at a variety of products made with US raw materials.

On the second day, USMEF arranged for a meat buying team from Gansu Province to meet with USMEF members. The team was divided into small groups for private business meetings.

USMEF also organized a cooking contest on the second day featuring 24 well-known Chinese and international chefs.

#### Trade, ASF Dominate Discussions

As expected, ongoing trade discussions between the US and China and the potential impact of African swine fever (ASF) were the most talked-about topics at this year's SIAL China.

"Many traders stopped by the USMEF booth to discuss the current trade conflict and to ask what kind of effect ASF could have on the buying patterns of Chinese importers," said Liang.

Shortly after the show, Joel Haggard, USMEF senior vice president for the Asia Pacific, addressed the expected pork shortage in China at a press conference during USMEF's Spring Conference in Kansas City, Missouri.

While the tone of SIAL China was positive, Haggard said uncertainty was in the air.

"There were a lot of questions about China's hog supply – how big is the shortfall? What will be the consumption response? How high will prices go? How big will imports be? How many other countries in the region will be afflicted with ASF?" said Haggard, who noted that the China Ministry of Agriculture and Rural Affairs published year-over-year numbers for April that showed China's sow inventory down 22 percent and total hog inventories down just under 21 percent.

"Those are already very large numbers if one keeps in mind the very rough numbers of 50 million tons of production and consumption, with a couple million additional tons being filled by imports," he added.

"Everyone is asking, 'OK, when is this going to manifest itself in terms of big imports and much higher prices within China?' If you look at the first quarter, imports of beef, poultry and sheep shot up, but pork went down.

"So, there is frustration about when this supposed hole will develop and then start to affect all protein supplies."

US beef received rave reviews during the SIAL show and China's appetite for imported beef continues to grow. The country's overall beef imports are up 54 percent through April this year. US beef, which regained access to the Chinese market in 2017, continues to gain footing, but about two-thirds of the beef imported into China is from South America and Australia is its main supplier of grain-fed beef.

#### US Meat Traders Club Reception

USMEF hosted its fifth annual meeting of the US Meat Traders Club to provide members with an update on promotional activities for US beef and pork and to connect traders with other industry representatives.

The US Meat Traders Club is an informal association of executives from US red meat exporting and importing, distribution, retailing and foodservice companies. With USMEF as the principal organizer, the group gathers annually to network and exchange views on the US beef and pork trade.

The US Red Meat Processing Technology Forum, an educational seminar that attracted 100 industry executives from around China, including a contingent of port inspectors from Tianjin and Shanghai, preceded the reception. Presenting at the forum were University of Wisconsin Department of Animal Science Meat Science professors Andy Milkowski and Jeff Sindelar.

Nearly 900 people attended the reception, with Branstad offering remarks on the US-China bilateral relationship and the commitment by the US beef and pork sectors to serve the Chinese market.

The event, funded by Iowa Corn, the Iowa Soybean Association, the Colorado Beef Council, the Beef Checkoff Program and the National Pork Board, included an update by USMEF Economist Erin Borrer highlighting the record production of US pork and beef and the vast potential for growth in US exports in spite of stiff competition.

"Unfortunately, trade in the region, especially US red meat exports to China, has many obstacles facing it," Borrer told the audience. Her outlook pointed to the ability of the US to ship much more product to China, especially given its looming pork shortage due to ASF.

Borrer's outlook also emphasized the growing production of Prime and Choice graded beef, as well as continuous improvements in the sustainability of the US beef and pork industries.

The reception's dinner menu featured dry-aged US beef ribeye and braised US pork shank.

This year's event also included chef demonstrations and samplings by guest chefs Liu Nan NaN and Du Wen Cai. The two prepared an East-West thematic tasting pavilion for arriving guests featuring American barbecue favorites such as brisket, pulled pork and Chinese dishes such as Cha Shao.

"The Meat Traders Club annual networking event has become the largest US red meat industry activity in China," said Haggard. "Overall, the Traders Club has the objective of positioning the US red meat industry as a committed supplier of high-quality pork and beef to China."



## CHINA

### **Rabobank prevê cambios em el mercado mundial por CHINA**

3/06/19 - por Equipe BeefPoint O Oriente está encontrando o Ocidente no mercado de carne bovina, enquanto a China impulsiona o crescimento das compras de carne bovina graças às influências dos EUA. De acordo com o último relatório do Rabobank, a maré do mercado de cortes de carne bovina pode estar mudando, com o crescimento asiático impulsionando essa mudança para longe dos EUA.

Como é frequentemente o caso, a China é o mercado que lidera o grupo. Isso não quer dizer que os EUA ainda não tenham alguma influência nessa parte do mercado.

O crescimento das vendas de carne bovina na China foi impulsionado por um aumento no número de restaurantes de serviço de hambúrguer no estilo americano. O Rabobank informou que, em 2018, o McDonald's abriu mais de 300 lojas na China, enquanto o número de Burger Kings no país disparou de 52 em 2012 para mais de 900 em 2018.

O analista sênior de proteína animal do Rabobank, Angus Gidley-Baird, disse: "O maior importador de carne bovina do mundo, a China, está no centro do crescimento do comércio de carne bovina em geral. Muitos dos cortes importados pela China foram para satisfazer a culinária local. Mas à medida que as dietas e os serviços alimentícios mudam, isso agora inclui uma tendência crescente no comércio de beef trimmings."

"A crescente demanda dos países asiáticos criará concorrência adicional para os EUA, mas não se espera que mude o mercado ainda", acrescentou Gidley-Baird. "Os fornecedores no mercado global devem estar conscientes de possíveis mudanças no comércio."

Embora o crescimento constante seja evidente no mercado chinês até o momento, um aumento na demanda de curto prazo em todas as proteínas, como resultado da Peste Suína Africana, provavelmente causará um aumento na demanda por carne bovina."

Fonte: Global Meat News, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

### **CANADA anunció que esperan mayores controles de China sobre embarques**

Reuters June 4, 2019 Exclusive: Canada says China plans more meat import inspections, industry fears disaster

OTTAWA (Reuters) - China plans to boost inspections of imported Canadian meats and meat products as bilateral trade relations deteriorate, Canadian government officials said on Tuesday, a move meat industry executives said could have "a disastrous effect" on their business.

China has already blocked imports of Canadian canola seed and temporarily suspended permits from two Canadian pork plants. Beijing is demanding Ottawa return a Chinese tech executive who is facing extradition to the United States.

A Canadian agriculture ministry notice seen by Reuters said the Canadian Embassy in Beijing had been told Chinese customs agents would open all containers of Canadian meat and meat products, and that in some cases 100% of the contents would be inspected.

Chinese officials cited "recent cases of non-compliance of pork shipments," adding that the move was linked to the risk of African swine fever and anti-smuggling measures, the Canadian ministry said in its notice.

China's sow herd - being closely watched by the global livestock market as an epidemic of incurable African swine fever kills millions of animals in the world's top pork producer - fell by 22.3% in April from a year earlier, the Ministry of Agriculture and Rural Affairs said last month.

The Canadian Pork Council said the inspection issue was linked to problems with supporting documents and not food safety. Still, the Canadian Meat Council (CMC), which represents major processors, urged members to "increase significantly the surveillance and compliance with all requirements" for exports.

"We cannot stress enough that the slightest 'non-compliance' could jeopardize our entire meat exports to China, which would have a disastrous effect on all CMC members," it said in a message to members, seen by Reuters.

In the first three months of this year, China was Canada's third biggest pork export market, taking in C\$215 million (\$160.5 million) of Canada's pork and pork products.

"Reports of increased meat inspections are of little concern since we have always operated with the expectation that all shipments to China are being regularly inspected," said Gary Stordy, the pork council's director of government affairs.

Over that period, China was also Canada's third-biggest export market for beef and veal, buying C\$48 million worth, according to Statistics Canada.





"I do know shippers are going to be wary of putting product on the water when they're not sure what's going to happen at the other end, if they're going to be treated fairly or not," said John Masswohl of the Canadian Cattlemen's Association.

Canadian Agriculture Minister Marie-Claude Bibeau said in a statement that Ottawa was working with producers "to underscore the importance of heightened quality assurance efforts to ensure there are no trade disruptions due to administrative errors."

Canadian officials said China has not yet responded to repeated requests for talks on canola.

Lu Shaye, China's Ambassador to Canada, said the increased meat inspections were not a form of retaliation.

China's "competent authorities take measures always according to (the) law and on (the) basis of (a) scientific approach", he told CTV television.

Canada's opposition Conservative Party, which leads the ruling Liberals in opinion polls ahead of an October election, has said Prime Minister Justin Trudeau has bungled relations with China.

"The Chinese government has now set its sights on our livestock industry ... when will the prime minister realize that his inaction is devastating Canadian farmers and ranchers?" asked Luc Berthold, the party's agriculture spokesman.

Brazil said on Monday it had temporarily halted beef exports to China following an atypical case of mad cow disease.

### **Estiman que se liquidan vientres para compensar la falta de carne porcina**

Bloomberg June 6, 2019 (Bloomberg) -- With African swine fever carving a big chunk out of China's hog herds, the world's biggest meat consumer is turning to other types of locally produced and imported protein.

Hefty beef shipments from Australia signal that people in China are already switching away from pork to cattle meat, according to Alyssa Badger, director of global operations at HighGround Dairy in Chicago. And Ireland may increase beef exports to the country as well, she said.

Chinese beef imports have surged, with the world's largest pork market buying 128,920 tons in April, 75% more than a year earlier. Meanwhile, the price of beef has risen, with one kilogram of meat costing 60.23 yuan, 6% higher than in August when the country reported its first outbreak of the hog disease.

With the increasing cost of beef, people have been shifting to other protein-rich foods such as chicken and eggs. Wens Foodstuffs Group, the biggest pork breeder, has agreed to buy a majority stake in a local chicken producer on expectations that demand will expand given poultry's relatively lower cost.

At the same time, China's farmers may be starting to slaughter their own dairy cows for beef, Badger said, noting that the country's fluid milk and cream imports reached a record high in April.

"With the lower availability of pork and rising chicken prices, culling domestic cows seems sensible," she said.

### **Fuerte crecimiento de lãs importaciones en abril de 2019**

Bloomberg - June 6, 2019 (Bloomberg) -- With African swine fever carving a big chunk out of China's hog herds, the world's biggest meat consumer is turning to other types of locally produced and imported protein.

Hefty beef shipments from Australia signal that people in China are already switching away from pork to cattle meat, according to Alyssa Badger, director of global operations at HighGround Dairy in Chicago. And Ireland may increase beef exports to the country as well, she said.

Chinese beef imports have surged, with the world's largest pork market buying 128,920 tons in April, 75% more than a year earlier. Meanwhile, the price of beef has risen, with one kilogram of meat costing 60.23 yuan, 6% higher than in August when the country reported its first outbreak of the hog disease.

With the increasing cost of beef, people have been shifting to other protein-rich foods such as chicken and eggs. Wens Foodstuffs Group, the biggest pork breeder, has agreed to buy a majority stake in a local chicken producer on expectations that demand will expand given poultry's relatively lower cost.

At the same time, China's farmers may be starting to slaughter their own dairy cows for beef, Badger said, noting that the country's fluid milk and cream imports reached a record high in April.

"With the lower availability of pork and rising chicken prices, culling domestic cows seems sensible," she said.

06 June 2019 China purchased an unprecedented volume of meat in April, with total pork, poultry, beef, sheepmeat and offal (mostly porcine) imports increasing 34% year-on-year to a record 467,000 tonnes swt. Part of this import expansion has been underpinned by the spread of African Swine Fever (ASF) across China. As the China pork shortage becomes more acute in the second half of 2019, expect global meat movements to pivot further to China.





As the extent and reach of ASF across China has become clearer, estimates of the pork shortage have been gradually revised higher, with most commentary placing the contraction between 20-40% (or 10-20 million tonnes cwe) in 2019. While investment may be directed into alternative protein production, the supply response will take time. Even at the conservative end of the shortage forecast, there simply is not enough traded meat around the world, let alone out of Australia, to cover any immediate deficits in China. According to USDA estimates, 2018 total world trade in beef was 10.6 million tonnes cwe (carcase weight equivalent), poultry was 11.2 million tonnes cwe and pork was 8.4 million tonnes cwe.

It's important to note that the import expansion of beef and sheepmeat has been underway for the last two years – well before the onset of ASF, as the growing number of wealthier Chinese consumer's started to demand higher quality meat. For beef, import growth has also increased due to Brazil gaining access in 2015 and Argentina reforming export controls in 2016. In reality, imported beef and sheepmeat, particularly higher-priced product from Australia, remains out of reach for the average Chinese consumer. In April, beef and sheepmeat imports increased 75% and 43% year-on-year, respectively, to 129,000 tonnes swt and 43,000 tonnes swt.

To date, evidence of an ASF-led boom in meat imports has been limited, as China has covered shortfalls by drawing frozen product from cold stores. However, April pork and poultry imports – which are a fraction of the cost of imported red meat – highlight that ASF is now materialising into increased trade. Poultry imports, primarily from Brazil, increased 65% year-on-year in April, to 68,000 tonnes swt. Meanwhile, the EU and Canada underpinned a 24% year-on-year increase in April pork imports, at 137,000 tonnes swt.

Some of the growth in direct imports can be attributed to a slowdown of product moving through Hong Kong however total meat flowing into the entire Greater China market was still up 17% year-on-year in April. As pork supplies in China cold stores are drawn down and a depleted pig herd is unable to meet domestic requirements, pressure for pork and poultry imports will intensify throughout the remainder of 2019. A key supplier of imported pork is the US – the world's third largest producer after China and EU and a global export heavyweight. However, trade tensions remain unresolved, leading to speculation and volatility as the market weighs up burdensomely high levels of US pork with the possibility of tariff relief. USDA weekly cuts export sales reports indicate some big pork orders from China have been placed in the last couple of months but few have transpired into delivery, with traders holding back hopeful of a trade war resolution.

Australian red meat exports to China have been booming. Between January and May, beef and sheepmeat export were up 61% and 44%, respectively. While some of recent growth may have been boosted by ASF, Australian red meat has largely hinged on the expanding class of affluent consumers. Just as the US pork industry awaits a trade war resolution, Australian red meat exports remain exposed to the trade spat potentially damaging the health of the Chinese economy and diminishing wealthy consumer purchasing power.

## **EMPRESARIAS**

### **BRF y Marfrig anunciaron que negocian su potencial fusión**

03/06/19 - por Equipe BeefPoint - As ações de BRF e Marfrig registram forte volatilidade nesta sexta-feira, depois de ficarem em leilão e um dia após anunciarem que começaram a negociar uma fusão. Os papéis da BRF cediam quase 1% pouco depois das 10h30 e as ações da Marfrig subiam 3,24%.

Se for bem sucedida, a união criará uma gigante global com faturamento superior a R\$ 80 bilhões. A estrutura societária não está definida, mas a troca de ações que permitirá a união das empresas será feita considerando a média das ações de BRF e Marfrig nos últimos 45 dias, o que daria aos atuais acionistas da primeira uma participação de 85% na companhia resultante. Os sócios da Marfrig ficariam com 15%.

As duas companhias firmaram um acordo que prevê exclusividade nas negociações entre ambas por 90 dias, prorrogáveis por mais 30.

### ***Detalles de una posible fusión***

Fonte: Valor Econômico. 05/06/19 - por Equipe BeefPoint

Após o aval de seus conselhos de administração, BRF e Marfrig iniciaram ontem as conversas oficiais para delinear o acordo de fusão, conforme uma fonte. No mercado, alternativas para a governança da nova gigante das carnes começam a ser aventadas. Inevitavelmente, os próximos 90 dias serão marcados por idas e vindas nas tratativas, o que provoca desconforto em fontes próximas às duas empresas.

Movimentos estratégicos de longo prazo, como a abertura de capital nos Estados Unidos, também serão analisadas pelos negociadores da fusão, apurou o Valor. Se a união for aprovada, uma tacada posterior poderá ser redomiciliar a sede da nova empresa, aproveitando inclusive a estrutura da americana National Beef, controlada pela Marfrig.



Por ora, o que está acordado com o conselho de administração da BRF é a permanência de Pedro Parente como presidente do conselho e de Lorival Luz como CEO da nova companhia, apurou o Valor. Mas fontes avaliam que uma alternativa possível é o compartilhamento da função de presidente do conselho de administração entre Parente e o empresário Marcos Molina, fundador e presidente do conselho da Marfrig. Qualquer acordo, porém, terá de ser apreciado pelos acionistas de cada companhia em assembleia.

De acordo com duas fontes, a direção-executiva da nova empresa deverá aproveitar os quadros dos dois grupos. Além de Lorival Luz como CEO, o principal cargo de finanças (CFO, na sigla em inglês) da nova empresa poderá ficar com Eduardo Miron, que é CEO da Marfrig desde o segundo semestre de 2018. Antes de assumir a presidência-executiva da Marfrig, o executivo era o vice-presidente de finanças e de relações com investidores.

Na quinta-feira, quando as duas empresas anunciaram as negociações para uma possível fusão, poucos detalhes sobre a governança da nova companhia foram revelados, o que preocupou analistas. Pela proposta anunciada, os acionistas da BRF ficarão com 85% da empresa resultante, e os da Marfrig, com 15%. As negociações ainda estão concentradas no campo dos conselhos de administração e das direções-executivas, o que indica que as conversas sobre um eventual acordo de acionistas ficarão para depois.

Um dos receios é que o negócio seja ingovernável, dada a diferença de estilo dos acionistas. Na BRF, o capital é pulverizado e não há um controlador definido, o que confere maior poder aos gestores – neste momento, Pedro Parente e Lorival Luz, futuro CEO global da BRF.

A Marfrig, por outro lado, é uma “empresa de dono”. Embora a BNDESPar, braço de participações do BNDES tenha um acordo de acionistas, é Marcos Molina quem dá as cartas na Marfrig.

Justamente por isso, uma das grandes dúvidas do mercado sobre a fusão diz respeito ao papel de Molina. Ao se unir à BRF, o empresário será sócio de uma companhia maior – com faturamento da ordem de R\$ 80 bilhões -, mas terá sua participação drasticamente reduzida, de 34% para apenas 5,5%.

“Faz sentido se tornar um acionista menor de uma empresa muito maior, o que não faz sentido é a esse preço”, avaliou um banqueiro. No entendimento de dois bancos de investimento, a Marfrig está deixando o prêmio na mesa ao trocar uma ação que negociava em média a seis vezes o lucro por uma ação que vinha negociando a 12 vezes o lucro – ou seja, considerando um múltiplo semelhante entre as duas, a relação de troca seria mais favorável para a Marfrig.

Além disso, as fontes ponderam que a Marfrig reduziu as dívidas no último ano e não tinha necessidade de se unir à BRF. “A BRF precisa mais da Marfrig do que o contrário”, disse uma das fontes.

Na composição acionária inicialmente traçada, Molina não poderia ditar os rumos da empresa, como está habituado. No mínimo, o processo de tomada de decisões ficaria mais lento do que o usual. Ao mantê-lo na presidência do conselho – compartilhando a função com Pedro Parente -, os negociadores poderiam endereçar o problema.

Uma fonte ligada à operação confirma que essa composição do conselho é uma possibilidade, mas ainda não há nada definido. “É fato que Molina não será irrelevante, mas não há organograma neste momento”, disse essa fonte.

Além disso, Molina seria o principal acionista individual da empresa resultante da fusão entre a BRF e a Marfrig. Pelo anúncio preliminar, apenas os fundos de pensão Petros e Previ seriam maiores do que Molina, com cerca de 10% cada. A BNDESPar, por sua vez, ficaria com aproximadamente 5%.

Nessa configuração, o Estado brasileiro teria um grande poder de influência – ainda que indireto – sobre a nova companhia, bem como sobre a aprovação da união entre elas. Juntos, Previ, Petros e BNDES teriam quase 25% da nova gigante de carnes. Nos bastidores, porém, a reação entre os diferentes atores estatais não foi homogênea.

Conforme o Valor já informou, a proposta de fusão agradou ao BNDES em uma avaliação preliminar. O banco, que investiu R\$ 3,6 bilhões na Marfrig entre 2007 e 2012, poderia encontrar uma porta de saída. Previ e Petros, porém, ainda estão digerindo a informação. No ano passado, as duas fundações lideraram o movimento que destituiu Abílio Diniz do comando da BRF – Parente assumiu em seu lugar.

Se a nova companhia formada por BRF e Marfrig resolver fazer uma oferta subsequente de ações (follow-on) com captação primária, para aumentar caixa e reduzir endividamento, Molina poderia ser diluído ainda mais. Num cenário em que a oferta aconteça nos Estados Unidos, no entanto, a companhia poderia fazer uso de uma estrutura de ações que garanta super poder de voto – como já usam outras empresas brasileiras.

03/06/19 - por Equipe BeefPoint

Em fase de negociação, a fusão entre BRF e Marfrig Global Foods poderá abrir uma porta de saída para o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). O braço de participações do banco, a BNDESPar, investiu, entre 2007 e 2012, quase R\$ 3,6 bilhões na Marfrig, mas não conseguiu retorno positivo sobre os aportes até hoje.



Na prática, o BNDES amargaria um perda de até R\$ 316 milhões se vendesse, pelas cotações atuais, todas as ações da Marfrig que possui. Na sexta-feira, a participação de 33,7% que a BNDESPar tem na companhia valia R\$ 1,433 bilhão.

Além do montante que poderia obter com a venda dos papéis, o banco já recebeu da Marfrig, a título de juros anuais de debêntures obrigatoriamente conversíveis em ações, entre R\$ 1,85 bilhão e R\$ 2,1 bilhões, conforme estimativas de duas fontes. Considerando os juros recebidos e o valor de mercado da Marfrig, o investimento do BNDES na empresa teria rendido entre R\$ 3,283 bilhões e R\$ 3,533 bilhões – portanto, ainda abaixo do investimento do banco.

De maneira geral, o retorno dos investimentos do BNDES na Marfrig empacou, dificultando a saída do banco do capital da empresa. Nas diferentes operações nas quais comprou fatias da Marfrig, o BNDES pagou entre R\$ 8,00 e R\$ 21,50 pelos papéis, que na sexta-feira fecharam o pregão a R\$ 6,83 na B3. O banco desembolsou, na maioria das transações, mais de R\$ 17,00 por ação. Os investimentos da instituição na Marfrig foram feitos para apoiar o processo de internacionalização da companhia, no auge de uma política que contemplou frigoríficos como JBS, Bertin e Independência.

Se prosperar, a fusão com a BRF pode alterar esse cenário. O banco estatal se tornaria acionista da um negócio bem maior – com faturamento anual de R\$ 80 bilhões – e potencial de crescimento e ganhos de sinergias (mais de R\$ 5 bilhões).

Além disso, a liquidez dos papéis aumentaria sensivelmente. Na Marfrig, as ações em circulação (“free float”) representam apenas 30%. Na nova empresa, podem chegar a 70%. O BNDES passaria a ter ações de uma empresa com recibos de ações na bolsa de Nova York (ADRs) de alta liquidez. Os ADRS da Marfrig, por sua vez, são menos líquidos – nível 3, negociados apenas em balcão.

Na troca de ações em si, o BNDES e os demais acionistas da Marfrig não seriam beneficiados. Pelos estudos iniciais, os detentores de papéis da empresa fundada por Marcos Molina ficariam com 15,02% do capital da empresa resultante. Para o BNDES, isso significa reduzir a fatia dos atuais 33,7% para cerca de 5%, de acordo com o Bradesco BBI.

Considerando o valor de mercado combinado de BRF e Marfrig – R\$ 26,7 bilhões, na última sexta-feira -, a participação de 5% do banco estatal valeria R\$ 1,3 bilhão.

O Valor apurou que, em princípio, a percepção do banco sobre a operação é positiva, sobretudo em função das sinergias a serem geradas e também pela possibilidade de a instituição ter participação em uma empresa de maior liquidez. Oficialmente, o BNDES só vai se manifestar depois que estiver de posse de todas as informações. Hoje, a BNDESPar é representada no conselho de administração da Marfrig por conselheiros independentes. Não é possível descartar um eventual veto do banco à operação, mas, em uma primeira análise, a transação é encarada com bons olhos porque entende-se que não irá representar perdas.

Há outro aspecto interessante. Por ter 33,7% da Marfrig e haver acordo de acionistas, a BNDESPar registra as ações na empresa pelo critério de equivalência patrimonial. Se a transação for fechada no desenho anunciado, a BNDESPar passará a ter 5% de participação sem nenhum acordo, de modo que a precificação passará a ser feita por valor de mercado das ações. Em 31 de março, a Marfrig foi registrada no balanço da BNDESPar por R\$ 609 milhões. Esse valor passaria a ser precificado pela cotação de mercado (R\$ 1,433 bilhão, na sexta-feira) – o que geraria, nesse caso, resultado contábil positivo para o banco de R\$ 900 milhões.

A fusão, porém, ainda suscita dúvidas. Na B3, as ações recuaram na sexta-feira. Os papéis da dona de Sadia e Perdigoão caíram 4,5%, a R\$ 27,70. Do outro lado, as ações da Marfrig registraram alta de 0,7%, negociadas a R\$ 6,83. Uma fonte disse que será preciso olhar para os passivos, em especial para aquele representado pelo suposto envolvimento da BRF nas denúncias da Operação Carne Fraca, que investiga denúncia de fraudes em laudos sanitários sob responsabilidade de funcionários e executivos da empresa. Os fundos de pensão Petros e Previ, principais sócios da BRF, estão digerindo a operação com a Marfrig, afirmou a fonte.

### ***Dueño de Marfrig sería principal accionista individual***

Fonte: Valor Econômico. 03/06/19 - por Equipe BeefPoint

Ao contrário do que parece à primeira vista, o empresário Marcos Molina não está se desfazendo da empresa que criou ao promover uma fusão entre BRF e Marfrig. Ele será o maior acionista individual da nova gigante das carnes e deve ter voz ativa.

Na quinta (30), BRF e Marfrig pegaram investidores de surpresa ao anunciar que estudam fusão. As duas empresas assinaram um acordo de exclusividade e vão negociar pelos próximos 90 dias, renováveis por mais 30.

Por causa da discrepância dos valores de mercado, os acionistas da BRF ficarão com 85% do capital da nova empresa, e os da Marfrig, com só 15%. Essas participações, no entanto, não contam toda a história.



Isso ocorre porque a BRF é uma “corporation” – uma empresa sem dono definido com participações bastante diluídas entre vários acionistas. Já o Marfrig sempre foi a chamada “empresa de dono”. Molina tem 37% do frigorífico e o controle do negócio.

Cálculos preliminares indicam que o empresário terá entre 5,5% e 6% de participação na nova empresa. Ele estará atrás apenas dos dois maiores acionistas da BRF, os fundos de pensão Petros (Petrobras), com 9,8%, e Previ (Banco do Brasil), com 9,1%.

Conforme apurou a reportagem, os representantes de Petros e Previ só souberam oficialmente da eventual fusão na reunião do conselho da BRF. As conversas vinham sendo conduzidas por Pedro Parente, presidente do conselho, e Lourival Luz, presidente-executivo.

A surpresa não agradou aos fundos. Sob anonimato, duas fontes disseram que a fusão entre Sadia e Perdigão ainda não está consolidada e que a atual diretoria vem sob pressão para mostrar resultados, o que até agora não aconteceu.

Previ e Petros têm interesse em sair do negócio, porque o investimento estaria maduro e próximo do prazo para pagar aos cotistas, mas até agora os preços não foram considerados satisfatórios. A BRF vem acumulando prejuízos, provocados pelos equívocos da gestão de Abilio Diniz e pelas investigações de fraude feitas pela Polícia Federal.

O BNDES, que hoje tem 33,7% da Marfrig, também será acionista relevante da nova gigante das carnes, com 5%. Todavia, o banco já anunciou publicamente que está desinvestindo em grandes empresas. Com a fusão, sua missão de sair da Marfrig se torna mais fácil se os preços forem razoáveis.

Não se sabe ainda o que essas novas participações dos acionistas podem representar em termos de assentos no conselho da futura gigante. O tema promete ser um dos mais complexos nas negociações.

Pessoas próximas a Molina são categóricas em dizer que ele se manterá envolvido no negócio. Conhecido como “self made man”, o empresário criou seu frigorífico a partir de um açougue, quase quebrou por causa do endividamento e é um empresário polêmico.

Em maio do ano passado, Molina fechou um acordo com os procuradores da Operação Greenfield e aceitou pagar uma multa de R\$ 100 milhões para ter eventuais penas reduzidas se condenado pela acusação de ter pago propina para conseguir empréstimos na Caixa Econômica Federal.

O mercado financeiro viu com reticência a criação da nova gigante das carnes, principalmente para a BRF. A empresa, que vinha vendendo ativos para reduzir a dívida, se tornaria ainda mais complexa com a fusão, já que os negócios de carnes bovina, de frango e suína têm poucas sinergias.

As ações da BRF fecharam esta sexta (31) em queda de 4,5%. As da Marfrig subiram 0,7%.

### **BRF confirmó ventas de las divisiones en Europa y Tailandia a Tyson Foods**

05/06/2019 - Las operaciones incluyen 4 plantas.

BRF anunció que se hizo efectiva la venta de sus operaciones tailandesas y europeas por 340 millones de dólares a la norteamericana Tyson Foods. En la operación se han incluido las 4 plantas que BRF poseía en Tailandia junto a otras dos ubicadas en Países Bajos y Reino Unido. Este acuerdo se basa en la estrategia de crecimiento de Tyson Foods para expandir las ofertas de proteína de valor agregado en los mercados globales.

Las operaciones avícolas integradas verticalmente en Tailandia incluyen una fábrica de piensos, criadero, granjas reproductoras y operaciones de avicultura para las cuatro plantas de procesamiento de aves de las que salen una amplia gama de productos avícolas frescos y congelados con valor añadido y totalmente cocidos, que incluyen cortes altamente especializados para clientes minoristas y de servicios de alimentos en toda Asia y otros mercados de exportación, incluida Europa.

Las plantas de Países Bajos y Reino Unido están dedicadas al procesado de carne de pollo y los productos se comercializan bajo las marcas Grabits, Hot N Cicken, Speedy Pollo y Sadia, además de otras marcas blancas.

### **URUGUAY: Frigorífico Florida determinó enviar 175 trabajadores a seguro de paro**

05/06/2019 - La planta reabrió en mayo del 2018, tras ocho años sin operaciones.

Los propietarios de Frigorífico Florida, planta que fue reinaugurada a principios de mayo de 2018 con la presencia del Presidente Tabaré Vázquez, decidieron frenar la operativa hasta julio, con opción a un mes más, y enviar a 175 trabajadores a seguro de paro, informó Radio Florida.

En la mañana de hoy se realizó una reunión entre la empresa y los trabajadores para buscar alternativas, pero no se logró una solución. La planta podría permanecer cerrada hasta agosto.

La industria frigorífica se reinauguró, tras ocho años sin actividad, en los primeros días de mayo del año pasado tras realizar importantes inversiones por parte de un grupo empresarial chino (mayoritario) y otro venezolano. La sociedad pretendía emplear a más de 300 funcionarios.





### **Marfrig cierra planta en Paranaíba (MS)**

06/06/19 - por Equipe BeefPoint A Marfrig Global Foods, segunda maior indústria de carne bovina do Brasil, comunicou, em nota, o encerramento das atividades no frigorífico de Paranaíba, em Mato Grosso do Sul, por causa de uma “decisão estratégica”. A companhia não confirmou o número de funcionários que atuavam na unidade ou a capacidade de abate da planta — estimada em 700 bovinos por dia.

“A companhia reitera que cumpre rigorosamente todas as normas vigentes e mantém compromisso com a excelência operacional”, afirmou a empresa.

A companhia havia retomado as atividades no frigorífico em 2017, aproveitando o momento de inversão do ciclo da pecuária, com maior oferta de bois prontos para o abate.

### **Beyond Meat: reporte del primer cuatrimestre de 2019**

June 6, 2019 Beyond Meat delivered its first quarterly report since going public last month, and the results were beyond analysts estimates. The alternative meat startup reported a first-quarter net loss of \$6.6 million, or 95 cents per share, widening from a net loss of \$5.7 million, or 98 cents per share a year earlier. The company predicted that its revenue will more than double in 2019 as demand from existing and new customers continues to grow. Shares of Beyond Meat jumped as high as 23% in after-hours trading upon the release of its first-quarter report.

“We’re being very conservative and viewing this as a floor,” CEO Ethan Brown told analysts on a conference call about its full-year outlook.

Beyond Meat’s net sales rose 215% to \$40.2 million, exceeding expectations of \$38.9 million based on a survey of analysts by Refinitiv. Executives attributed the revenue growth to increased sales of the Beyond Burger and greater demand from new and existing customers.

In total, grocery store sales accounted for \$19.6 million of Beyond Meat’s sales this quarter. Sales to restaurants like Carl’s Jr. and Del Taco made up \$20.6 million of its revenue.

The plant-based burger company is forecasting full-year revenue will be higher than \$210 million. Wall Street was anticipating that its 2019 revenue would be \$205 million.

The company reported a net loss of \$4.75 per share in 2018 on revenue of \$87.9 million. While it declined to provide a outlook for its annual net loss or any individual quarters, it said it expects its second and third quarters to be its busiest.

Beyond Meat surged more than 160% in its first day trading on the public markets and has now soared nearly 300% above its initial public offering price, giving the company a market value of \$5.8 billion.

In a tweet, Citron Research said the price of Beyond Meat has "become beyond stupid. Most heavily traded retail stock on Robinhood, market cap now bigger than industry, and superior competitor coming to market soon."

The analyst group expects Beyond Meat's stock price to retreat to \$65 per share on earnings, and what it calls "retail exhaustion."